

Debata sobre a Reforma do Ensino de Língua Portuguesa
na Fale / UFMG

Coordenadora: Profª Mª Sueli de Oliveira Pires

Participantes: professores e alunos dos cursos de Língua Portuguesa
da Fale - turno da noite

Dando início à sessão, a coordenadora procedeu à leitura da síntese de um documento (*) redigido pelo prof. Carlos maciel da Cunha, no qual se expõem as condições em que se deu a reforma do ensino de Língua Portuguesa na Fale/UFMG. Em seguida, foi franqueada a palavra.

Profª Ana Mª Clark Peres

O que eu tenho a dizer é breve. Trata-se de reflexões que eu venho fazendo a respeito da nova postura do Setor de Língua Portuguesa. Eu seleccionei um item que considero básico para qualquer discussão. Ele está ligado à mudança que essa reforma prega e exige de nós. Antes, era tudo estático. Se havia erro, e havia erro, ele persistia semestre após semestre. A reforma trouxe a possibilidade de mudança, a meu ver, im prescindível e inevitável. Agora chegamos à conclusão de que, na tenta tiva de acertar, podemos errar.

Aluno

Eu gostaria de retomar aqui alguns pontos que considero mais importantes dentre os que foram discutidos no debate do turno da manhã.

(*) Carlos Maciel da Cunha: *O Ensino de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da UFMG*. In: *Boletim* do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG. Ano 2, nº 3, junho de 1980, pp.13-23.

Em primeiro lugar, evidenciou-se a falta de espaço suficiente para o ensino de gramática na atual estrutura do curso. Outro problema bastante discutido foi o da pouca extensão de carga horária das disciplinas, o que não permite um desenvolvimento coerente dos programas. Tocou-se também no ponto da heterogeneidade do grupo de alunos que chega à Faculdade. Basicamente foi isso.

Aluno

Eu penso que a maior dificuldade que se encontra no desenvolvimento adequado dos programas de gramática é a pouca base com que chegam os alunos aqui à Faculdade. Como podem os professores pretender desenvolver em nós um espírito crítico diante da gramática tradicional se, na maioria, não a conhecemos? Daí resulta um trabalho pouco eficaz.

Hoje em dia, eu percebo que, em qualquer grau de ensino, o professor tem assumido uma atitude muito insegura em relação a tudo aquilo que transmite. Isso também tem contribuído para a baixa qualidade do ensino.

Prof^a M^g Elizabeth Fonseca Saraiva

Eu questionaria o aluno no seguinte ponto. Nós não podemos abrir mão do objetivo de despertar em nossos alunos o senso crítico frente à gramática, pois muitos assuntos que poderiam ser considerados como prontos são passíveis de discussão e reformulação. Não pretendemos ter soluções para todos os fatos da língua, mas procuramos, sim, não aceitar, criticar e refazer o que nos parece inadequado. Eu quero, por outro lado, deixar bem claro que, anteriormente a esta etapa de crítica, que julgamos de extrema importância, nós trabalhamos de perto com a gramática tradicional. Pelo que o aluno disse, pode parecer que esse tipo de tarefa, aqui na Faculdade, foi abolido, o que não é verdade.

Prof. Tarcísio Ferreira

Eu queria dar meu depoimento aqui, também no sentido de contestar, em parte, o que foi dito pelo aluno quando se referiu à competência do professorado atualmente. Ora, no meu tempo de estudante, grande parte dos meus mestres, os melhores, diga-se de passagem, se limitava a repetir os autores conceituados, porque essa era a postura exigida deles. O que eu vejo hoje é uma boa dose de seriedade por parte dos professores, que além de se basearem nos bons autores, têm o trabalho de preparar suas aulas, elaborar material didático acessível à sua turma e, acima de tudo, assumir um posicionamento crítico diante daquilo que lêem e ensinam a seus alunos. Isso não pode, de maneira alguma, constituir falha da nossa parte - as perspectivas de trabalho é que são outras.

Aluno

Eu sinto, precisamente, que falta informação ao aluno. Os professores deveriam ter certeza de que, ao trabalharem com a etapa de crítica e de questionamento, os seus alunos já dominassem o conteúdo da gramática tradicional. Isso, a meu ver, não vem acontecendo.

Aluno

O importante que eu tenho observado neste novo esquema de ensino aqui da Faculdade é a valorização da participação do aluno. Antes, eu tinha de receber tudo passivamente. Agora, não, eu sinto que posso aprender, que posso discutir, posso discordar, etc. Isso nos tem motivado bastante na nossa tarefa de aprender.

Aluno

Eu percebo, de um modo geral, que todos nós, alunos, reivindicamos mais aulas de gramática da língua portuguesa. Não que eu despreze as demais áreas (expressão oral, expressão escrita e estudo de texto),

mas, para nós, a gramática é mais urgente e não deve ser estudada em tão pouco tempo.

Aluno

Eu sinto, na grande maioria dos meus colegas, uma falta de interesse pelo seu papel como estudantes de Letras e como futuros profissionais. Se eles procurassem adequar os seus objetivos aqui da Escola aos que eles pretendem desenvolver posteriormente, talvez pudessem criticar o que lhes vem sendo oferecido e propor novos caminhos. O erro, nisso tudo, é que o aluno desconhece sua própria realidade. Desconhecendo-a, torna-se impossível criticá-la e tentar modificá-la.

Aluno

Eu acrescentaria o seguinte. Os alunos, geralmente, não têm base para cursar uma faculdade e nem têm interesse em cursá-la. Não querem fazer o mínimo esforço para acompanhar os programas que nos oferecem e, depois, criticam sem saber o que e por que estão criticando. O interesse é um só: passar de ano para conseguir um diploma no final do curso. Eu pergunto: diploma para quê? O próprio índice de presenças aqui, hoje, baixíssimo, comprova tudo que eu acabo de afirmar.

Profª M^a Sueli de O. Pires

Ao planejarmos e aplicarmos os nossos programas, partimos do seguinte princípio: nós vamos lidar com dois tipos distintos de alunos - os interessados com maior dose de conhecimento e os interessados com menor dose de conhecimento. A priori, os alunos desinteressados fogem completamente ao nosso esquema de trabalho. E, como o aluno acaba de afirmar, se a grande maioria de vocês é constituída de desinteressados, não há como evitar o fracasso e o descontentamento. Entretanto, continuamos levando nossa tarefa adiante porque estamos seguros de que esses pontos negativos não são reflexo direto do nosso esquema de tra

balho.

Aluno

A Faculdade deve procurar adequar o ensino à realidade dos alunos. Ainda que a Faculdade conte, na realidade, com uma minoria de alunos interessados, é essa minoria que deve ser atendida.

Aluno

Eu venho observando que, neste semestre, as áreas de Expressão Oral e Expressão Escrita têm sido particularmente prejudicadas. O pouco tempo que se destina a cada uma impede um trabalho eficaz. Como sanar essa dificuldade, eu não sei responder.

Prof^a Ana M^a Clark Peres

A meu ver, a iniciativa de se introduzir Expressão Oral nos programas de Língua Portuguesa é muito louvável, só que nós, professores, não estamos nos sentindo capazes de desenvolver os programas adequadamente nessa área. Nós próprios precisaríamos ser mais treinados para, a partir daí, treinarmos melhor os nossos alunos. Como não nos sentimos aptos a sofisticar os nossos programas, estamos incorrendo no erro de simplificação excessiva. Isso tem de ser urgentemente revisto, pela sua importância.

Quanto à área de Expressão Escrita, agora é que nós estamos tentando planejar um encadeamento entre os semestres. Sem esse encadeamento, não podemos exigir nada do aluno na área de redação.

Aluno

Para solucionar o problema da área de Expressão Oral, eu sugiro que o Departamento deva incluí-la como disciplina paralela ou opcional, mas nunca oferecê-la juntamente com as demais áreas. Mas, pelo visto, esbarramos no empecilho da carga horária.

Prof. Cosme Damiano da Silva

Se quisermos desenvolver no nosso aluno a habilidade de se expressar oralmente de maneira adequada às diversas situações, temos de partir para um grau elevado de especialização e, para isso, temos de contar com especialistas como, por exemplo, profissionais ligados ao teatro. Nós, como estamos, não podemos arcar com esse tipo de responsabilidade.

Prof.^a M.^a Sueli de O. Pires

A cada início de semestre, eu procuro deixar claro para os meus alunos que a carga horária de que dispomos (4 a 5 encontros de Expressão Oral) só nos permite fazer um diagnóstico nas áreas de leitura oral e de fala formal. O treinamento propriamente dito nessas áreas acaba ficando prejudicado. Entretanto, esse trabalho, ainda que incompleto, reflete a nossa preocupação com um aspecto, dos mais importantes, que deve ser cuidado num professor.

Aluno

O fato concreto é que nós estamos atados pelo pouco tempo disponível que temos para estudarmos muitas coisas igualmente importantes. Daí nós, alunos, e os professores termos de trabalhar efetivamente para aproveitarmos, da melhor maneira, os programas do nosso curso.

Aluno

Já é mais do que atestado, entre nós, alunos, que as atividades na área de Expressão Oral, como vêm sendo desenvolvidas, não têm surtido qualquer efeito prático. Alguma coisa, aí, tem de ser mudada.

Prof.^a M.^a Sueli de O. Pires

Com o nosso prazo previsto para este debate já se esgotou, eu gostaria de colocar aqui a mesma proposta que foi aprovada no debate do

turno da manhã, ou seja, a de se constituir uma comissão de alunos que se disponha a manter contato permanente com os professores de Língua Portuguesa, com a finalidade de defender os interesses do corpo docente relativamente aos programas dos nossos cursos. Aprovado isso, estarei à disposição de vocês para ajudá-los a comporem a lista de alunos. Considero, pois, encerrada a sessão.